

A COMUNIDADE SANTA-MARIENSE E O RESGATE DA MEMÓRIA: HISTÓRIA E POLÍTICA (1954-1964)¹

THE COMMUNITY OF SANTA MARIA AND THE MEMORY RETRIEVAL: HISTORY AND POLITICS (1954 – 1964)

**Daniela Vallandro de Carvalho²
Lenir Cassel Agostini³**

RESUMO

Este artigo consiste em uma análise do contexto político regional e suas inter-relações com a política nacional, entre 1954 a 1964, possibilitando um novo olhar sobre a história Santa- Mariense. Assim, evidenciou-se a política nacional desenvolvimentista e sua relação com Santa Maria, enquanto reduto petebista e getulista, refletindo os anseios populares por mudanças reformistas. Os debates eram intensos, não só no legislativo, mas na imprensa, nos clubes sociais, nos cafés, nas praças, enfim no cotidiano dos santa-marienses, traduzindo a efervescência do momento histórico. Nesse contexto, houve especificidades que culminaram na emergência das classes populares, acirrou o embate político entre diversos setores da sociedade, resultando na vitória conservadora. Desse modo, a cidade apresentou um panorama peculiar que proporcionou a articulação local na intervenção civil-militar em 1964.

Palavras-chave: política santa-mariense, relações de poder, intervenção militar.

ABSTRACT

This article consists of an analysis of a regional political context and its interrelationship with the national politics from 1954 to 1964, making it possible a new outlook on the history of Santa Maria. Thus, the national developmental politics and its relationship with Santa Maria became evident as a redoubt of PTB (Brazilian Labor Party) and Getulism , reflecting the popular anxieties over reformist changes. The debates were intense not only in the Legislature, but also in the press, at social clubs, in cafes, on the squares, lastly in the people's everyday life, representing the effervescence

¹ Trabalho Final de Graduação.

² Curso de História Licenciatura Plena - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

of the historical moment. In that context, the peculiarities culminated in the emergence of popular classes, which originated the political fight among different sectors of society, resulting in a conservative victory. Thus, the city showed a peculiar panorama which gave rise to the local articulation in the civil-military intervention of 1964.

Key words: Politics in Santa Maria, power relationships, military intervention.

INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta um novo olhar sobre a história santa-mariense, entre 1954 a 1964, pelas relações políticas que se desenvolviam na sociedade e da participação de várias categorias no debate sociopolítico, assim como da intensa participação petebista, refletindo uma política populista que figurava no plano nacional. Essa construção histórica deu-se por meio da utilização de fontes primárias, como entrevistas orais, atas do Legislativo Municipal e reportagens do Jornal A Razão, além de fontes bibliográficas, possibilitando um cruzamento das mesmas, o que oportunizou, assim, visualizarmos a história em seus mais diversos ângulos, e contribuiu para a compreensão da história política nacional por meio do olhar regional.

A POLÍTICA NACIONAL E A HISTÓRIA SANTA-MARIENSE: 1954–1964

Neste período, Santa Maria apresentava-se como um importante centro ferroviário, comercial, militar, educacional e sindical, tornou-se um meio efervescente de discussões sociopolíticas, que agregava diversas categorias sociais. Como centro regional dessas discussões, refletia diretamente as decisões nacionais, com um legislativo, eminentemente petebista e getulista, apresentava essa divisão de forma nítida, tanto no legislativo como em diversos meios sociais. Ser getulista significava no imaginário coletivo do santa-mariense defender as propostas de Vargas. Eram atraídos pela sua figura carismática, formavam uma concepção baseada no líder de massas, que estava acima do partido. Essa posição constituía-se na maioria em Santa Maria, existindo ainda uma minoria petebista que se baseava nas doutrinas político-partidárias, porém não alcançavam expressão em um meio ainda impregnado pelo mito getulista, como podemos perceber nas manifestações de seu pesar em várias reportagens do jornal A Razão, no dia seguinte ao suicídio⁴.

⁴ Jornal A RAZÃO, 25/08/1954.

Seguindo uma linha de exaltação, surgiram diversos artigos por vários dias no jornal *A Razão*, que se referiam à importância de Vargas na história brasileira⁵. Nessa perspectiva, a sociedade santa-mariense apresentava um discurso pela consolidação das conquistas sociais e pela urbanização, manifestadas nos meios de comunicação, sindicais, estudantis, militares e principalmente, no parlamento municipal. Esse universo estava envolto por discussões e projetos que visavam a sanar diferentes problemas sociais, como questões educacionais, de iluminação pública, greves ferroviárias, transportes públicos, aumento salarial, serviço de esgotos, estradas, aumento de preços, questão agrária, entre outros. Aliado a estas questões, redundavam os debates políticos, sendo a cidade um palco para diversos personagens de renome nacional, o que demonstrava sua importância com centro político regional.

As forças partidárias se apresentavam bem delineadas, sendo possível percebermos a força do PTB, com o contraponto do PSD e a presença, mesmo que reduzida do PL, da UDN, do PSP e PDC⁶. A maioria petebista, no poder legislativo era notória nessa década, como se pode perceber na tabela 1:

Tabela 1: Relação Vereadores petebistas/ ano de mandato.

Vereadores 1951-1955	Vereadores 1956- 1959	Vereadores 1960-1963	Vereadores 1964...
Ary Pinheiro Bernardes Luis Ferretti Oswaldo Zambonato	Helena Ferrari Teixeira Patrício Flores Fermino V. dos Santos	Isidoro Lima Garcia ⁷ Firmino V.dos Santos Pantaleão Lopes	Renan Kurtz Homero Braga Manoel Malmann
Faustino R. Cauduro Francisco R. Correa Virgínio P. Neves	Euclides Gonçalves Emanoel Oss Moacir Santana	Helena Ferrari Teixeira Soel Maciel de Oliveira Bismar Borges	Eduardo Rolin Alexandre Cruz Dario I. da Cunha
Fermino V. dos Santos	Pantaleão Lopes	Euclides Gonçalves	Francisco Lemes
Helena F. Teixeira ⁸		Eduardo Rolim Adelmo Genro	

FONTE: Atas do Poder Legislativo Nº 237/51; Nº 355/55; Nº 01/59 e Nº 01/63

Esses dados nos permitem analisar o sucesso e a viabilidade da política populista realizada pelo PTB, ancorada na herança deixada por Vargas no imaginário popular dos santa-marienses. Da mesma forma, a prefeitura municipal era povoada por administradores petebistas, os quais seguiam os mesmos

⁵ Jornal A RAZÃO, 27/08/1954, nº 266, p.6.

⁶ Partido Libertador, União Democrática Nacional, Partido Social Progressista e Partido Democrático Cristão, respectivamente.

⁷ Vereador mais votado no pleito de 08/11/1959, como 1.548 votos.

⁸ BIDEI (1999) explica: Primeira vereadora mulher da história do legislativo santa-mariense.

parâmetros sendo que, entre 1960 a 1963, houve um prefeito do PSD o qual foi auxiliado por uma coligação que tinha o PTB como base de sustentação, apresentando o vice-prefeito, como se verifica na tabela 2:

Tabela 2: Relação Prefeito/ Partido e Período de mandato.

Prefeito	Partido	Período
Vidal Castilho Dânia ⁹	PTB	14/03/1951-31/12/1951
Heitor Silveira Campos	PTB	1952-1954
Raul Vallandro ¹⁰	PTB	1954-1955
Vidal Castilho Dânia	PTB	1956-1959
Miguel Sevi Viero ¹¹	PSD	1960-1963
Paulo Lauda ¹²	PTB	Jan. a Março de 1964.

FONTE: RECHIA, Aristilda. 1999. **Santa Maria: Panorama Histórico-Cultural.** Santa Maria: ASL, p. 80.

No plano estadual, a polarização entre PSD e PTB alternava-se, iniciando os anos 50 com Ernesto Dornelles (PTB) depois Ildo Meneghetti (PSD), Leonel de Moura Brizola (PTB) seguido novamente de Ildo Meneghetti (PSD). Assim, Santa Maria fervia politicamente, o cenário encontrava-se polarizado, envolto, perifericamente, por outros partidos de menor expressão¹³.

Dessa forma, apoiados por alguns partidos fervilhavam associações trabalhistas, como relata Isidoro L. Garcia¹⁴: “nós tínhamos aqui o Instituto dos Ferroviários, (...), o Instituto dos Trabalhadores de Cargas, (...) dos Comerciários, (...) dos Industriários, (...) dos Bancários, (...)”. Essas palavras demonstram a efervescência da cidade, que possuía entidades organizadas sendo a maioria delas de caráter assistencialista, seguindo a linha do populismo¹⁵ varguista. Essa postura pode ser verificada numa reportagem

⁹ Dânia em seu primeiro mandato foi nomeado pelo Gal. Ernesto Dornelles, após este assumir o governo do Estado do Rio Grande do Sul (jornal A RAZÃO, 12/01/1954).

¹⁰ Era vice de Heitor Campos; assumiu a prefeitura após este se afastar para concorrer à Assembléia Legislativa do Estado (jornal A RAZÃO, 04/01/1955 e 13/01/1955).

¹¹ O vice-prefeito deste era Fidélis Coelho (PTB).

¹² O vice-prefeito deste era Adelmo S. Genro (PTB).

¹³ Segundo Isidoro L. Garcia, a cidade possuía além dos dois grandes partidos, PTB com diversas lideranças e PSD, comandado por Valter Jobim e Marques da Rocha, partidos menores como o PSP, o PCB que, na cidade, aparecia sob a sigla de PSB, tendo Jorge Mottecy como expoente político; o PL de Armando Vallandro, a UDN de Amauri Leite e o PRP, de Walter Cechella. Entrevista de 21/06/2001.

¹⁴ Entrevista de 21/06/2001.

¹⁵ WEFFORT apud BANDEIRA, 1972. explica que: “o populismo é um estilo político (...) individualista, cuja demagogia deita a raiz na impotência pequeno-burguesa, implicando em qualquer de suas formas uma traição às massas populares”.(p. 27)

no jornal *A Razão*, mandada publicar pelo então Deputado Estadual Heitor Campos, demonstrando o tipo de política que o PTB praticava¹⁶. Com esse propósito, o PTB também atraía para si o eleitorado, conquistava com uma política assistencial, preconizada por Vargas desde a década de 1930. Essa proposta fazia-se visível ainda nos discursos dos edis petebistas, os quais reforçavam esses propósitos¹⁷. Essa relação clientelista fazia-se muito presente no imaginário dos santa-marienses, que a incorporavam e vinculavam-na à figura do presidente morto, transmutada no mito do “Pai dos Pobres”. Segundo Isidoro L. Garcia, a população acreditava que, em retribuição às leis trabalhistas, devia contemplá-lo como um pai¹⁸.

Havia também um forte apelo nacionalista no Município, principalmente, no momento em que a esfera nacional foi redirecionada por JK para uma política de internacionalização econômica. Nas palavras do Prefeito Vidal C. Dânia, o Município se posicionava dizendo ser aquele um momento crucial de afirmação nacionalista. Além da definição exigida, convocavam-se todos os trabalhadores para a luta, ao invocar e incitar na memória destes, a herança deixada por Vargas¹⁹. O apelo sentimental foi, constantemente, utilizado para seduzir os trabalhadores, os quais eram a maioria da população do Município, portanto terreno fértil para aquele tipo de proposta. Como centro de trabalhadores, vários problemas nacionais se transportavam para o microespaço da sociedade santa-mariense, porém esta se engrandecia devido à amplitude que as discussões alcançavam visto que a maioria dos problemas debatidos, nacionalmente, redundavam em Santa Maria.

Nesse contexto, os ferroviários constituíram-se em uma categoria expressiva na cidade, uma vez que o Município ainda era o maior entroncamento ferroviário do Estado, possibilitando-lhes uma forte organização em defesa de seus interesses. Os ferroviários contribuíram sobremaneira na configuração urbana, na ativação do comércio e na organização de sindicatos, movimentando o centro trabalhista e tomando frente em muitas reivindicações. Por meio deles foi organizada a Cooperativa dos Ferroviários da Viação Férrea, tendo sido esta a maior da América Latina, com grande participação na economia do Município. Vinculada a essa organização, existia a Escola de Artes e Ofícios que possuía um destaque especial na cidade, formando técnicos qualificados e impulsionando no desenvolvimento educacional e sociocultural. Segundo Isidoro L. Garcia consistia em uma das

¹⁶ Jornal A RAZÃO, 15/05/1958, nº 226, p.6.

¹⁷ Ver Ata do Poder Legislativo nº100/60 de 28/11/1960.

¹⁸ Entrevista em 21/06/2001.

¹⁹ Jornal A RAZÃO, 10/09/1957, nº 274 p.8.

²⁰ Entrevista em 21/06/2001.

melhores escolas do estado, possuindo assistência médica e odontológica²⁰. Para José B. Larré²¹, Santa Maria se tornou um centro político importante pela grande massa ferroviária que aqui existia.

Nesse panorama, a importância da participação social dos ferroviários também era ressaltada nos jornais, com notícias de greves realizadas e encontros da categoria, alguns de nível nacional que a cidade sediava²². Essa estrutura montada pela classe ferroviária recebia respaldo dos vereadores petebistas, não sendo raro o apoio incondicional dos edis às greves promovidas pela categoria ferroviária²³. Essas discussões eram incentivadas pelos meios de comunicação local como jornais e rádios, sendo estes órgãos os divulgadores da problemática social, vinculados a interesses partidários. O rádio foi instituído por Vargas no Estado Novo, como instrumento de propaganda política na conquista pelos trabalhadores. Este passou a ser largamente utilizado ao longo das décadas de 1950 e 1960, complementado pelo Jornal A Razão, que segundo depoimento do jornalista José B. Larré, possuía uma postura inclinada a favorecer a corrente getulista²⁴.

Nessa perspectiva, surgiram três importantes rádios em Santa Maria. Larré revela que a pioneira foi a Ymembuí, formada por elementos políticos vinculados à direita²⁵. Em contraponto, surgiu a rádio Santamariense e, a posteriori, a Guarathan; ambos foram instrumentos petebistas, sendo a Santamariense criada pelo próprio João Goulart²⁶. A criação da rádio Santamariense foi um fato comentado na imprensa local, sendo esta considerada um “passo de destaque no meio artístico”²⁷. Quatro meses após sua criação, o jornal noticiava a criação de um programa radiofônico do PTB²⁸.

Assim como os meios de comunicação, existiam entidades sociais que agregavam contingentes políticos, polarizando as discussões entre o Clube Comercial e o Clube Caixeiral, o primeiro abarcava o setor oposicionista do município e o segundo, a grande maioria vinculada ao PTB, como revela Larré em seu depoimento²⁹. A presença dos cafés no cotidiano da cidade também aparecia como noticiado no jornal A Razão³⁰. Nesse ambi-

²¹ Jornalista, que vivenciou o período trabalhado como jornalista do Jornal A RAZÃO. Entrevista em 30/05/2001.

²² Jornal A RAZÃO, 21/08/1963.

²³ Ver Ata do Poder Legislativo nº25/60, de24/06/1960.

²⁴ Entrevista em 30/05/2001.

²⁵ “Aqui a primeira rádio foi a (...) Ymembuí, que era para ser exatamente um veículo, um reduto de (...) direita, (...) era (...) ligada ao PSD, a UDN e ao PL” (30/05/2001).

²⁶ A Santamariense foi uma rádio do PTB, (...) do ex-presidente João Goulart (...) visava fazer oposição em nome do PTB à rádio Ymembuí (...) depois a rádio Guarathan também foi uma rádio do PTB (José B. Larré, 31/05/2001).

²⁷ Jornal A RAZÃO, 01/01/1955.

²⁸ Jornal A RAZÃO, 27/04/1955, nº 162, p.6.

²⁹ José B. Larré, entrevista em 31/05/2001.

³⁰ Jornal A RAZÃO, 13/07/1955, nº224, p. 6.

ente, a cidade se encontrava e decidia sobre seus rumos, em um clima de efervescência das classes populares, as quais participavam ativamente dos debates, procurando atingir seus objetivos, que se traduziam na busca por conquistas socioeconômicas por meio de maior participação política. As discussões sobre o desenvolvimento da cidade, para escolha de seus representantes, podiam ser percebidas em constantes reportagens na imprensa sobre sucessões municipais, estaduais e nacionais, assim como disputas internas, troca de partidos e intrigas políticas.

A sucessão do comando administrativo municipal e estadual aparecia em evidência no Jornal A Razão, nos quais se cogitavam probabilidades sobre a mesma bem como, apareciam diversos nomes do meio político como candidatos³¹. Nessas reportagens fica evidente a preocupação com o futuro do município e do Estado, estando implícito o intrincado jogo político feito pela imprensa, que lançava boatos esquentando o ambiente santa-mariense. Sobre o plano nacional, as discussões apresentavam-se como críticas a favor, a troca de cargos por alianças, a conciliação de interesses; características estas muito presentes no esquema populista.

Aliada a essas preocupações, percebe-se ainda a atenção com os programas dos partidos que, normalmente, eram desrespeitados ou mesmo desconhecidos tanto pelos políticos como pelo povo que se vinculava à figura do político³². Essa preocupação começava a tomar consistência no seio dos partidos políticos, visto a necessidade de se conscientizar as massas para que essas não ficassem à deriva de candidatos personalistas. Como ato contraditório, o PTB, de inspiração populista, começa a instalar “um programa de orientação de doutrina e arregimentação de seu eleitorado dentro dos princípios trabalhistas”³³. Essa atitude pode ser interpretada no sentido de que é nesse momento que começava a crescer a oposição ao PTB na cidade, a qual passa a ser visitada por líderes renomados nacionalmente, o que denotava a importância regional da cidade, visitada por JK, Adhemar de Barros, Carlos Lacerda, Getúlio Vargas, João Goulart, entre outros.

Esses candidatos tentavam reforçar ou reverter o centro trabalhista, como foi o caso da tumultuada visita da Caravana da Liberdade da UDN, comandada por Carlos Lacerda. Essa visita se traduziu em um comício, em praça pública, um evento marcante na história da cidade, pois se chocaram frente a frente o PTB e a UDN, férrea opositora dos trabalhistas de inspirações getulistas. O parlamento municipal travou importantes embates entre situação e oposição, assim como a imprensa escrita oportunizou comentá-

³¹ Jornal A RAZÃO, de 10/01/1954, n°76 e 24/01/1954, n°88.

³² Jornal A RAZÃO, 11/05/1955, n° 173, p.6.

³³ Jornal A RAZÃO, 17/09/1957, n° 280, p.6.

os bem humorados e irônicos, como o que segue: “Santa Maria receberá (...) a visita de duas vedetes (...) no sentido de estrelismo: para os doentes do samba (...) e “enfermos” das andanças da política (...) acontecerá, numa mesma noite, (...) Ângela Maria e Carlos Lacerda. É o caso de perguntar-se (...) não é demais para uma noite só tantos estrelismos (...)”³⁴.

Esta crítica demonstra o ambiente em que Santa Maria se encontrava por ocasião do comício udenista. Este se realizou na Praça Saldanha Marinho, enquanto próceres petebistas reuniam-se à frente de sua sede partidária na rua do Acampamento. Ali colocavam, em um alto-falante, discursos do ex-presidente Vargas em clima provocativo e de exaltação³⁵. A situação se extremizou a ponto de ser necessária a intervenção da polícia para conter os manifestantes dos dois comícios, embora todos continuassem incólumes em seus lugares, principalmente os petebistas, liderados pela vereadora Helena Ferrari. O centro trabalhista fervilhava, nele se davam “vivas a Vargas e morras ao líder udenista”³⁶. Esse comício povoou a memória do jornalista José B. Larré que relatou uma situação pitoresca sobre o evento, dizendo da exaltação do ex-prefeito Raul Vallandro, que queria atirar com seu revólver em Carlos Lacerda, até que foi contido por alguns correligionários; fato este que nos permite visualizar a agitação dos trabalhadores. Esses, entre outros incidentes, aconteceram ao longo da estada do udenista, como comentado pela imprensa³⁷.

Dessa forma, percebe-se o intenso fervor no centro trabalhista. Entretanto, não foi somente o PTB que atraiu as atenções com seus discursos. A UDN criticava em sua fala a administração nacional, incitando a discussão com as camadas populares, no debate livre e participativo, dizendo ser a UDN a melhor e mais preparada para atividade política do país. Percebe-se no discurso udenista a tônica populista que buscava agregar e seduzir as massas, iludindo-as com a sua virtual participação, com uma pregação demagoga³⁸. Os discursos apresentados por alguns partidos visavam chamar a atenção da cidade trabalhista que possuía um grande contingente popular composto por comerciários, estudantes, ferroviários, militares, cada qual buscando solucionar seus problemas que, na grande maioria, foram desencadeados por uma proposta política de crescimento e urbanização, visando à inserção cada vez maior, no processo capitalista.

Santa Maria, como centro captador de questões políticas nacionais, acabava por discutir os problemas socioeconômicos, de acordo com a polí-

³⁴ Jornal A RAZÃO, 13/09/1957, nº 277, p.8.

³⁵ Jornal A RAZÃO, 22/09/1957, nº 283, p.1.

³⁶ Jornal A RAZÃO, 22/09/1957, nº 283, p.1.

³⁷ Jornal A RAZÃO, 22/09/1957, nº 283, p.1 .

³⁸ Jornal A RAZÃO, 25/09/1957, nº 285, p. 6.

tica de inserção capitalista do país no cenário mundial, preconizada pelo desenvolvimentismo juscelinista. Questões como energia elétrica, rede sanitária, transportes públicos, construção de estradas, aumento de preços, redundavam em Santa Maria, aguardando soluções por parte do poder público. O fato de Santa Maria não possuir grandes indústrias e ter se constituído em um município prestador de serviços, que vivia de “fim de mês”³⁹, com uma larga classe de funcionários públicos, agravava estas questões que atingiam diretamente o poder aquisitivo da população à medida que a crescente inflação deteriorava os salários e os impostos aumentavam.

A criação da COMAP⁴⁰ gerou intensas polêmicas entre o poder executivo e legislativo, pois era um órgão que visava controlar os preços com o tabelamento de produtos básicos. Recebia apoio da parte de alguns vereadores, porém desgostava a outros, que temiam ter seus interesses prejudicados. Esse órgão favorecia, sobremaneira, a população, pois proporcionava aos consumidores uma relativa estabilidade, em um contexto de delicada situação socioeconômica que o município atravessava. Os problemas socioeconômicos encontravam-se na pauta de discussões entre executivo e legislativo, chegando a criar dissensões internas nos partidos, como a que ocorreu no seio petebista, onde correligionários atacavam-se pela imprensa⁴¹. Essas divisões ocorriam possivelmente, devido à inconsistência programática dos partidos, pois a coesão, se houvesse, tenderia a unificar seus filiados em torno de uma proposta e não em torno de “nomes”⁴² como normalmente acontecia.

O serviço de transporte público e o aumento das passagens, assim como o aumento das tarifas telefônicas exigiam do executivo e legislativo um entendimento, constituindo um problema a ser resolvido; contudo, o executivo se posicionava em defesa dos trabalhadores, pelo prefeito Raul Vallandro⁴³. Da mesma forma, o serviço de esgotos constituía-se em um problema vital para Santa Maria, porque havia somente em 27% das casas, assim ocorria com a energia elétrica, que não abarcava a grande contingência populacional chegando a ocorrer, constantemente, quedas de energia em bairros mais afastados⁴⁴.

À medida que se aproximavam os anos sessenta, a situação socioeconômica, no país, agudizava-se, refletida nas camadas populares de Santa Maria, como se percebeu nas intensas reivindicações e debates no

³⁹ Larré, entrevista, 31/05/2001.

⁴⁰ Cooperativa Municipal de Abastecimento e Preços.

⁴¹ Essas disputas se faziam presentes em diversas reportagens especulativas do Jornal A RAZÃO nos anos de 1954.

⁴² Jornal A RAZÃO, 01/05/1955, nº165, p.6.

⁴³ Jornal A RAZÃO, 01/05/1955, nº165, p.6.

⁴⁴ Jornal A RAZÃO, 16/07/1955.

legislativo, que os aprofundava em virtude da problemática nacional. A questão agrária tomava consistência: havia uma política de crescimento urbano em detrimento ao campo. O PTB municipal, em conformidade com a política reformista de Goulart⁴⁵, passou a tratar a questão da reforma agrária como problema crucial para o solucionar a crise do país, visto a emergência do campesinato, que passou a somar forças com o trabalhador urbano⁴⁶.

Essas transformações, na estrutura urbana santa-mariense, foram acompanhadas de um crescimento populacional, que trouxe à cidade muitos estudantes de diversas regiões, formando-se aqui um grande centro estudantil, primeiramente, de ensino secundário e, a posteriori, de ensino de terceiro grau. Nesse processo, houve inúmeras participações do poder Legislativo, sendo a vereadora Helena Ferrari um importante agente na busca por educação para os santa-marienses; busca esta que resultou na criação do Colégio Estadual Manoel Ribas. De meados dos anos 50 a início dos anos 60, floresceram propostas e iniciativas no município, formando-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Faculdade de Ciências Econômicas, a Faculdade de Farmácia e Medicina e a Escola Superior de Enfermagem. Estas contribuíram ainda mais para a politização da cidade, criando uma classe intelectual e acadêmica que se somou às já existentes no debate dos problemas citadinos. Os estudantes se incorporaram às discussões sociopolítico-econômicas, tomavam a frente dos movimentos e greves e sempre se posicionavam nos debates⁴⁷.

Com a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, segundo comentário da imprensa, “concretiza-se (...) para a Cidade Universitária mais uma de suas brilhantes iniciativas”⁴⁸. Dessa forma, o ensino superior foi adquirindo gradativa importância no cenário santa-mariense, e, em 1957, o presidente JK veio à cidade⁴⁹ inaugurar o sistema de televisão da Faculdade de Medicina e Farmácia, debater com seu diretor⁵⁰ mais recursos, laboratórios e a possível criação da faculdade de Odontologia.

Assim, a questão educacional tornou-se consistente, assumiu grandes proporções no discurso do legislativo, no qual esse assunto aparecia constantemente, como a discussão entre o ensino público e privado, a criação de mais escolas, o aumento dos salários dos docentes municipais bem

⁴⁵ Política defendida por Jango desde o período em que era vice-presidente de JK.

⁴⁶ Jornal A RAZÃO de 27/04/1958 e Atas do Poder Legislativo, 01/08/1960/ 25/07/1960.

⁴⁷ Jornal A RAZÃO, 13/11/1957.

⁴⁸ Jornal A RAZÃO, 27/04/1955, nº 162, p.6.

⁴⁹ Essa visita denota a importância que a cidade vinha adquirindo no setor educacional, tornando-se um pólo estudantil, que se concretizou com a criação da Universidade Federal de Santa Maria, a primeira no interior do país.

⁵⁰ José Mariano da Rocha Filho.

⁵¹ Jornal A RAZÃO, 09/08/1960.

como greves universitárias. Percebe-se ainda que essas propostas, normalmente, eram defendidas pela bancada trabalhista, em conformidade com sua luta populista.

Nesse contexto, o acirramento das questões socioeconômicas, que assolavam o país no limiar dos anos 60, acarretaram um aumento no custo de vida do santa-mariense, em torno de 30%⁵¹, verificando-se o aumento do preço do pão e da carne⁵², bem como uma defasagem nos salários. Os ferroviários foram os primeiros a se mobilizarem, em um manifesto reivindicatório no qual constava o pedido de aumento de 4 mil cruzeiros⁵³. A crítica à nova política cambial do presidente Quadros também se evidenciava, sendo esta danosa à sociedade, como é observado na reportagem: “a majoração do pão é de 20%. Como se vê, aumenta dia a dia a espiral de preços das utilidades, sendo a mais danosa consequência de tal política”⁵⁴. Nesse mesmo dia, o jornal A Razão evidenciou a incompatibilidade e fragilidade da aliança de Jânio e Jango, como que antevendo a crise que se abriria com a renúncia de Quadros no dia seguinte. A renúncia povoou as conversas dos santa-marienses, surgindo probabilidades a respeito do futuro do país assim como possíveis culpados.

Rapidamente, a sociedade santa-mariense passou a se organizar, em defesa da Legalidade, após o manifesto do Marechal Lott. As incitações do governador Brizola redundavam diretamente em Santa Maria, onde ferroviários reuniram-se em assembléia permanente até a posse de Goulart. A imprensa teve um papel de destaque, sendo a porta-voz de diversas manifestações em prol da Constituição. Os mais variados setores começavam a se posicionar enviando cartas de apoio ao Jornal A Razão, em defesa da legalidade. O prefeito municipal declarou-se favorável à posse do vice-presidente João Goulart, ao lado da Brigada Militar, sob o comando de Benjamim Ávila Prado, do capitão João Machado e do Major Paiva. Os estudantes universitários de medicina declaravam: “o nosso patrono é a constituição”⁵⁵, unindo-se ao III Exército e a Brigada Militar do Estado. Da mesma forma que “juízes e populares mostraram-se dispostos a defender o Estado caso de uma revolução civil”.

Assim, líderes de diversas categorias trabalhadoras de Santa Maria uniram-se, fazendo da cidade um pólo aglutinador das forças legalistas, somando-se a Porto Alegre, o foco irradiador da defesa constitucional. Foi

⁵² Jornal A RAZÃO, 24/08/1961.

⁵³ Jornal A RAZÃO, 13/08/1961.

⁵⁴ Jornal A RAZÃO, 24/08/1961.

⁵⁵ Jornal A RAZÃO, 29/08/1961.

⁵⁶ Jornal A RAZÃO, 29/08/1961.

formado o Comando de Resistência Democrática, por vários líderes de trabalhadores que procuravam manter o povo em estado de alerta, de forma organizada e vigilante, para responder com energia a qualquer força golpista. Eram estudantes de Economia, de Direito, de Medicina, associações de jornalistas, de telegrafistas, ex-combatentes das Forças Armadas, funcionários públicos, ferroviários, membros do Movimento Tradicionalista Gaúcho, oferecendo-se como voluntários os quais se alistavam em diversos pontos da cidade. Em dois dias se ofereceram mais de três mil voluntários, segundo a imprensa, “demonstrando um espetáculo de civismo”⁵⁶.

Paralelo ao Comando de Resistência Democrática e de forma espontânea, foi organizado o Comitê Central Universitário Pró-Legalidade e a Ala Feminina Pró-Legalidade, com o apoio de diversas outras entidades do Município. Com essa organização em favor da Legalidade, Santa Maria somou-se a outros municípios gaúchos no combate à ação golpista dos ministros militares, passando a ser, a partir desse momento, um foco declaradamente nacionalista. Dessa forma reforçava-se como centro trabalhista, embora houvesse dissidências no PTB local e oposições bem delineadas, como o vereador Nelson Marchezan (PDC)⁵⁷, que não perdia oportunidade para atacar o presidente João Goulart e o governador Leonel Brizola⁵⁸ assim como tentava aproximá-los de uma conspiração comunista⁵⁹.

Assim, aprofundavam-se e polarizavam-se, cada vez mais, os debates na cidade, sendo visível uma retomada do discurso presente no início de 1950, em que “nacionalistas” e “entreguistas” degladiavam-se em defesa de seus interesses; acrescidos neste momento do discurso de comunização da oposição aos petebistas⁶⁰ e da crise econômica que assolava o país. Assim, o governo de Goulart recebia, em Santa Maria, apoio da bancada petebista, que defendia suas reformas de base e enfatizava a necessidade da reforma constitucional.

Nessa perspectiva, entrava em cena a instituição militar, que compunha a sociedade santa-mariense desde os anos de 1940, que possibilitava a formação de um expressivo contingente militar, provocava uma efervescência de idéias e concedia à cidade características peculiares. A idéia de comunização da sociedade santa-mariense aparece no livro de memórias do Gal. Mourão Filho, que foi destacado para o comando da 3ª Divisão de

⁵⁷ Partido Democrático Cristão.

⁵⁸ Ver atas do Poder Legislativo 26/60, de 10/06/1960; ata 72/60, de 26/09/1960 e ata 96/60, de 21/11/1960.

⁵⁹ Segundo Isidoro Lima Garcia, “não havia perigo comunista nenhum (...) havia outros interesses (...). Mas fizeram com que houvesse uma lavagem cerebral na sociedade”. Entrevista em 21/06/01.

⁶⁰ Ata do Poder Legislativo nº 09/64 de 11/03/1964 e ata 16/64 de 06/04/1964.

⁶¹ MOURÃO FILHO, (1978, p.29).

Infantaria do município em 1961, o qual relata o seguinte: “ Pela leitura da documentação do Estado Maior da 3ª Divisão de Infantaria (...) e relato dos oficiais, fui posto a par da intensa colaboração dos comunistas do Rio Grande do Sul, especialmente em Santa Maria, (...) colaboração que eu percebi logo que era a mais tendenciosa possível”⁶¹. Assim, os militares passaram, sob o comando de Mourão Filho, a serem articulados e doutrinados para combater o perigo comunista⁶². Nesse momento, o general se “conscientizava do perigo” que o país corria, passando a articular a “defesa constitucional”, partiu para Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, onde manteve contato com diversas autoridades civis e militares sobre o possível golpe que Brizola organizava⁶³.

Descreveu ainda a importância de se ativarem medidas para as eleições de 1962 para governador do Estado, dizendo ser a vitória de Ildo Meneghetti imprescindível para a revolução em curso. Era preciso vencer Brizola no reduto gaúcho. Assim, reuniu-se em Santa Maria com o prefeito Miguel Sevi Viero, com o bispo Dom José Ivo Sartori, o deputado Perachi Barcellos, Ildo Meneghetti e o Dr. Dentice, secretário da campanha eleitoral do Dr. Meneghetti. Iniciou-se aí uma rede conspiratória, além de Mourão iniciar “uma articulação pessoal com os Comandantes das Unidades e com vários oficiais subordinados”⁶⁴.

A crise institucional que se abriu com a renúncia de Jânio dividiu o Regimento Mallet em Santa Maria, exigindo do comandante uma forte doutrinação⁶⁵. Essa doutrina fazia parte do processo conspiratório iniciado no Regimento 105, no 7º R.I, no Esquadrão de Reconhecimento, no 3º B.C.C.L., na 12º C.R., por meios de contatos pessoais com comandantes e oficiais de Unidade⁶⁶. Dessa forma, o principal trabalho foi realizado no QG da 3º D.I., onde se estruturou o Estado Maior Revolucionário, composto pelo Cel. Ramão Menna Barreto, Athos Pereira, Paulo Braga, Cel. Freitas, entre outros. Foi estabelecido um plano de campanha, que consistia em deslocar a 3º D.I, para auxiliar na derrubada de Brizola e na prisão do Gal. Jair Dantas Ribeiro, Comandante do III Exército e base de apoio do governador. Desde a vitória governista no plebiscito, o exército considerava-se pronto para agir contra Brizola, Goulart, Osvino, Jair, Brochado e Almino, esses segundo o

⁶² Este general, a convite do General Osvino para participar de uma convenção de ruralistas no qual o governador do Estado Leonel Brizola compareceu, relatou que ouviu de Brizola “ uma vasta e perigosa conspiração contra o regime” (MOURÃO FILHO, 1978, p.31).

⁶³ MOURÃO FILHO (1978).

⁶⁴ MOURÃO FILHO, 1978, p.32.

⁶⁵ Esta foi expressa em uma cartilha onde constava, a noção de conceitos básica na organização das Forças Armada, visando à unificação das corporações. Consistiam em explicações sobre Nação, País, Soberania, e Democracia. (MOURÃO FILHO, 1978).

⁶⁶ MOURÃO FILHO (1978).

exército, os principais agentes da revolução que caminhava para a instalação da republica sindicalista⁶⁷. Na mentalidade de grande parte do exército, a postura enérgica era necessária, visto a organização em curso por parte da base governista de um golpe contra a democracia. Fazia-se, assim, vital a ação contra-revolucionária, em uma proposta enquadrada na política de contra-insurgência⁶⁸, que visava fortalecer o corpo militar para uma possível luta antiguerrilheira e anti-subversiva. Dessa forma, desde 1962, já existia uma forte articulação militar em Santa Maria, onde teve início a derrocada do governo Goulart, como revela Gal. Mourão Filho em suas memórias⁶⁹.

É possível perceber, em seus relatos, vários aspectos referentes à intervenção militar de março de 1964, como a participação de elementos civis comprometidos com o sistema ameaçado organizando-se com os militares; a conspiração foi um processo longo, lento e muito bem estruturado, principalmente, a partir da crise da legalidade e intensificado após o plebiscito. Nessa articulação, Santa Maria como centro militar desempenhou papel de destaque, sendo o ponto irradiador das idéias golpistas por meio do Gal. Olímpio Mourão Filho, que comandava a 3º D.I. no Município.

Assim, a efetivação do golpe civil-militar, em Santa Maria, castrou importantes lideranças sociopolíticas, visando abafar pela repressão o processo de emergência das camadas populares, visto a intensa conjuntura sociopolítico-econômica a que o país estava submetido; em que diversas categorias sociais buscavam soluções para suas reivindicações, inserindo-se no debate político de forma contundente, ameaçando grandes interesses. Nesse panorama, muitas pessoas foram presas⁷⁰, entre elas jornalistas, líderes sindicais, políticos e todos aqueles que se apresentavam com idéias “subversivas”⁷¹. Esses relatos completam a idéia de que a intenção da intervenção era eliminar lideranças políticas, ferroviárias, estudantis, jornalistas, enfim, todos que pudessem incitar a população à “subversão da ordem”, mitificada na idéia de comunização.

⁶⁷ MOURÃO FILHO (1978).

⁶⁸ Para saber mais: SCHILLING, (1984). EUA X América Latina: as etapas da dominação. Mercado Aberto: Porto Alegre.

⁶⁹ No dia 15 de janeiro de 1962, segunda feira, às 14 horas, a meu pedido, o Gal. Penha Brasil convocou ao QG do III Exército o Dr. Saint Pastours, presidente da Farsul (...) para uma reunião. Fizemos um exame (...) da situação. Posso dizer(...), que esta foi a primeira reunião civil-militar, início da conspiração contra o governo João Goulart (1978, p. 47).

⁷⁰ O importante depoimento de Isidoro L. Garcia relata um pouco do que foi o golpe militar em Santa Maria. Este se encontra na íntegra no LAHIS (Laboratório de História -UNIFRA) ou na versão original deste trabalho.

⁷¹ O jornalista José Bicca Larré relata o seguinte: Eu fui preso duas vezes e até hoje não me disseram o porquê, não vão conseguir dizer. Eu fui preso a primeira vez por acusação genérica (...) de ser subversivo (...), ter idéia esquisita. A finalidade (...) foi acabar de fato, como acabou, com a classe ferroviária que era quem comandava a política santa-mariense (Entrevista, 31/05/2001).

CONCLUSÕES

Entende-se que, no período estudado, Santa Maria viveu praticamente todos os reflexos da política nacional, por ter se constituído em um centro getulista, fundamentado em uma proposta populista baseada em Vargas, em que os poderes executivos e legislativos alternavam-se nos debates com diversos segmentos sociais, reforçando esta proposta, praticada pela representação no legislativo. Desse modo, o Município apresentou características próprias, conferindo-lhe uma intensa dinâmica nas relações estabelecidas.

Os ferroviários, comerciantes, estudantes e funcionários públicos foram os principais alvos da política populista, consistindo em uma expressiva massa eleitoral, que precisava ser “amparada”. Utilizava-se o assistencialismo, com a idéia de sedimentação do mito paternalista construído por Vargas. Nessa perspectiva, foram criadas rádios vinculadas ao PTB, com a finalidade de atrair o eleitorado, pelo uso maciço da propaganda. Da mesma forma, percebeu-se a utilização de entidades sociais como redutos político-partidários. A imprensa local acompanhava, paralelamente, os problemas e discussões de âmbito nacional e as notícias redundavam contundentes em Santa Maria. Percebe-se o Município como palco de encontro de vários políticos nacionais que buscavam conquistar esta praça eleitoral, assim como as posições políticas apresentavam-se delineadas, sendo possível verificar a exaltação e a radicalização de muitos cidadãos na defesa de suas propostas. Verificou-se ainda, que, embora os partidos fossem incisivos, apresentavam clivagens internas, refletindo uma postura nacional, o que possivelmente, ocorria devido à sua inconsistências programática.

Observou-se também a participação da sociedade santa-mariense na Campanha da Legalidade, formando um reduto constitucionalista que reforçou a articulação antigolpista, com diversas categorias e entidades, além de parcela da Brigada Militar e do Exército, conferindo consistência ao movimento na cidade. Assim, no limiar da intervenção civil-militar, Santa Maria poderia ser vista como reduto oposicionista, legalista, democrático e trabalhista. As articulações que culminaram nessa intervenção tiveram em Santa Maria seu ponto inicial, visto ter sido o município um grande destacamento militar nacional e por estar instalado aqui, desde meados de 1962, um dos principais comandantes da ação militar no país, o Gal. Mourão Filho, fazendo da cidade uma peça de extrema importância na efetivação do golpe em 1964. O processo de intervenção foi bem articulado, o que deixou uma pequena margem de insucesso, pois a ação militar esteve amparada por uma rede de instituições civis que lhe deram base de sustentação, legitimando-a.

Dessa forma, percebe-se o urgente estudo sobre a história do Município, uma vez que o viés regional tem-se mostrado rico em possibilidades de análise das tramas históricas, contribuindo para a compreensão da história da política nacional por meio do olhar regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Moniz. 1978. **O Governo João Goulart. As Lutas Sociais do Brasil. 1961-1964.** 3 ed. Rio Janeiro: Civilização Brasileira.

BIDEL, Eloíza Helena Carvalho. 1999. **Mulher no Legislativo Santa-mariense: décadas de 50 a 80.** Santa Maria: Trabalho de Final de Graduação em História - Centro Universitário Franciscano.

MOURÃO FILHO, Olimpio. 1978. **Memórias: a verdade de um revolucionário.** São Paulo: LPM, cap. 1.

RECHIA, Aristilda. 1999. Santa Maria: **Panorama histórico - cultural.** Santa Maria: ASL.

SCHILLING, Voltaire. 1984. **EUA X América Latina: As etapas da dominação.** Porto Alegre: Mercado Aberto.